



As sociedades humanas no decorrer da História tem como elemento central da percepção do mundo a convicção da relação do homem com a imortalidade da alma. O cientificismo do século XIX abriu um caminho oposto ao de milênios quando excluiu a importância da alma eterna para o homem, dando lugar a interpretações onde as reações sensíveis aos estímulos externos são predominantes. Portanto, a alma tornou-se um espaço vazio<sup>1</sup> que não poderia ser mensurado. O cientificismo do século XIX ao negar a alma transcendente destituiu o homem da sua peculiaridade ao transformá-lo em apenas um número ou mero objeto destituído de vontade opondo-se ao humanismo integral.

As doutrinas materialistas e cientificistas abriram espaço para no século XX a alma e a eternidade serem tratadas por um viés subjetivo, onde o homem alcançaria a imortalidade não de forma transcendente, e sim na memória coletiva. Gustavo Corção argumenta que por essa perspectiva subjetivista a imortalidade dar-se-ia pelas obras dos indivíduos reconhecidas pela posteridade em um plano meramente material.

O que podemos aprender com Tomás de Aquino diante da confusão instalada pelas diversas correntes de pensamento. Na abordagem das obras de Tomás, o intelecto tem inclinação à verdade, portanto a alma humana busca as

---

<sup>1</sup> CARPEAUX, Otto Maria. *Todos os Caminhos levam a Roma*. Campinas: Vide editorial. 2016. P.40.

coisas necessárias e perenes. O mesmo aplica-se na relação com o tempo. Enquanto os pensadores do século XIX tratavam a alma como inexistente e a eternidade era condicionada aos feitos materiais, a abordagem de Tomás trata a alma como independente do tempo e uma verdade plena, onde somente o eterno pode ser compreendido quando a alma é direcionada para a verdade. Santo Tomás nos convida a fazer o caminho de buscar a verdade como condição objetiva sem distorções que suprimem as verdades eternas.

Entre os artigos desta edição, o professor Iveraldo Santos e Lael Rubem Silva abordam o dom da fé na obra de Tomás de Aquino. Ao desfazer o equívoco atribuído a Tomás e a Aristóteles onde a matéria é concebida de forma negativa, Paulo Faitanin, Alfredo Morán e Maria Amélia Rodrigues analisam a centralidade das substâncias sensíveis da matéria na metafísica aristotélica-tomista. O segundo artigo da série “Notas sobre Ecotomismo”, o professor Paulo Terra utiliza como referenciais as obras dos autores Judith Barad, Pascal Bernardin, Jill LeBlanc e Robert Grant para aprofundar o conceito de uma filosofia ambiental inspirada em Tomás de Aquino. Finalmente, o artigo de Saulo Ramos Brito, Victor Hugo Pereira e Bráulio Tarcísio Porto aborda a noção de verdade na obra de Tomás utilizando os estudos do dominicano Jean- Dominique. Publica-se nesta edição a resenha da obra “*O livre-arbítrio*” de Schopenhauer. Por fim, Paulo Faitanin, Bernardo Veiga e Roberto Cajaraville publicam a tradução *Quaestiones disputatae De Potentia Dei*, q.3, art.2

Boa Leitura!